

## Pavana para Jorge Amado no seu setuagésimo aniversário

*Artur Eduardo Benevides*

**A ti**

— sócio das sagas e das lendas,  
das praças, das garças e das tendas, —  
( no teu setuagésimo aniversário )  
( vencido já tão longo itinerário )  
em nome do povo

louvo.

*És realmente amado.*

*Contas, recontas e transcontas  
tuas memórias e loas e teu fado.*

*És a voz que nos chama e nos exorta  
e se escancara em nós como uma porta  
que dá para as estrelas e as estradas.*

*Vences os dragões e as caminhadas  
e estás junto dos velhos marinheiros  
dos mestres de capoeira e dos terreiros  
onde as Áfricas choram na Bahia.*

*Tens imenso saber e poesia.*

*Conheces o trotar dos coronéis  
pelo verde das matas e os rondéis  
enviados em súplica incessante  
ao amor distante.*

*Atravessas correndo um rio a vau  
e vais colher o drama do cacau  
ou contemplas varandas venerandas  
nas tardes de Ilhéus.*

*Nas searas vermelhas, sob os céus,  
tuas sandálias cavam o longo chão  
da glebã ressofrida e ardente  
do sertão.*

*E és desconcertante e surpreendente.  
Com Terezas Batistas tão cansadas  
e Vadinhos à luz de madrugada  
refazes o país do carnaval.  
És mais claro que o brilho de um cristal.  
E muito amor existe em tua mágoa.*

*Mas de repente o Quincas Berro d'Água  
devolve-nos, inteiras, as ladeiras.  
Vemos então os capitães da areia  
as mulheres da noite em sua teia  
e la no pátio da fazenda — ( só )  
o vulto patriarcal de Sinhô Badaró  
a dirigir impérios e vinganças.  
Em teu contar não cansas.  
Da narrativa és um dos guardiães.  
E dá-nos o capitão João Magalhães  
com quem jogamos frágeis esperanças  
no full-hand dos sonhos.  
E penetras em tempos tão medonhos  
para acender candeias ou as velas  
que vão iluminar as Gabrielas.*

*Os pastores da noite redespertas.  
Muitos passam nas ruas já desertas  
e deixarão suor sobre o mar morto  
ou sofrerão num triste cais de porto  
ou tentarão a verdade  
nos subterrâneos da liberdade.*

*E pousam nos teus ombros aves do sertão.  
Mas as consola da vasta solidão  
que na tarde dorme. A solidão enorme  
das terras do sem fim, de nuvens claras,  
onde as tocaias ficam sob as vaías  
de cores das araras.*

*Em teu largo lirismo és social.  
Tens espírito novo e aqui te louvo  
com agrado. A ti, Jorge Amado,  
que vens há muito tempo adolecer  
em nosso benquerer.*

*E cresces cada dia  
em poesia.  
Molhas os pés no mar. E vens contar  
o mundo que palpita na Bahia  
entre Exu e Olorum — em alegoria.*

*Teu discurso é real: tem sangue e sonho.  
E por tudo o que és no verso ponho  
este breve louvor. E com fervor  
saúdo-te, oráculo do povo.  
Diante de ti me alegre e me comovo.  
És batalha e canção.  
És sussurro e alegria. És cantochão.  
És da ceia do pobre o convidado.*

*És realmente amado,  
Jorge — irmão de todos nós —  
que buscamos a luz de tua voz  
ao pé de fogueiras, junto ao mar,*

*onde ficas, com cabelos brancos,  
junto de teus heróis e saltimbancos,  
a contar, a contar, a contar.*